

A IDEIA DE CRIAÇÃO NA TEOLOGIA DO PSEUDO-ARISTÓTELES: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS TESES DAS ENÉADAS E A CONCEPÇÃO DO PLOTINO ÁRABE

THE IDEA OF CREATION IN THE THEOLOGY OF PSEUDO-ARISTOTLE: A COMPARATIVE STUDY ABOUT THE THESES OF THE ENNEADS AND THE CONCEPTION OF THE ARABIC PLOTINUS

*Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen**

Resumo:

Embora sendo uma paráfrase das Enéadas, de Plotino, a Teologia do Pseudo-Aristóteles, fiel ao contexto árabe-muçulmano em que foi elaborado, se distancia do seu original em algumas questões importantes. Uma delas é a identificação do Uno com o Deus do al-Quran, com todas as consequências que esta posição implica. Uma das mais importantes é, sem dúvida, a concepção de Deus como Criador de tudo o que existe. Como a *Teologia* desenvolve este tema e justifica este “atributo” de Deus, que é imutável, eterno, perfeito?

Palavras-chave:

Uno. Deus. Criador. Sabedoria. Tempo. Luz.

Abstract:

The Theology of Pseudo-Aristotle, although being just a paraphrase of Plotinus's Enneads, faithful to his Arabic-Muslim context of its elaboration, in some important questions is distant of his original. One of these questions is the identification of the One with the God of the al-Quran, with all the consequences of this position. One of them is, certainly, the conception of God of the Creator of all the existing beings. In what manner the Theology develops this theme and justifies this “attribution” of God, who is immutable, perfect and eternal?

Keywords:

One. God. Creator. Wisdom. Time. Light.

Introdução

A *Teologia do Pseudo-Aristóteles*¹ pode ser caracterizada como uma paráfrase da *Enéadas* IV – VI de Plotino, elaborada no mundo árabe e que apresenta como assunto principal a Alma, a Inteligência, o Ser e seus gêneros. A obra visa, sem dúvidas, a oferecer um referencial teológico-filosófico aos estudiosos da iniciante filosofia árabe, mas também promover a língua árabe como fator de união e unificação do novel império, fundado com as primeiras investidas do Mohamed. Esta paráfrase é, junto com o *Livro das Causas*, a *Carta sobre a Divina Ciência* e as *Palavras do Sábio Grego*, o que sobrou de uma grande obra coletânea de textos de Plotino – *as Enéadas*-, de Proclo – *Elementos Teológicos* -, e *Comentários* de Alexandre de Afrodísia, considerada uma complementação da *Metafísica* de Aristóteles. A *TdA* deve ter sido composta ao redor de 800-900/200-300H, o que se deduz pela citação feita da obra por Al-farabi² e a presença de vestígios de seus textos no famosos Círculo de Al-Kindi.

O grande objetivo do livro, exibido no próprio texto³, é expressar a doutrina primeira a respeito da divindade, a explicação a seu respeito que Ela é a Causa Primeira. Este objetivo é desenvolvido em X Livros⁴ que tentam explicar um elenco de 141 questões que se mostra como uma explicitação⁵ da hierarquia dos seres que procedem do 1º Princípio, as relações e semelhanças entre o mundo superior e inferior, as características do mundo inteligível, a alma universal, as estrelas, o mundo sublunar sensível, a descida da alma para ele com todas as consequências e implicações envolvidas.

¹ Desde agora indicada como: *TdA*.

² Al-Farabi viveu de 870-950/259-339H.

³ *Alfarabis Philosophische Abhandlung*. Aus dem Arabischen übersetzt von **Dr. Fr. DIETERICI**. Leiden: E.J. Brill, 1892, nº 23: *Wer die Ausprüche des Aristoteles über die Gottherschaft in seinem "Teologia" betitelten Buche betrachtet [...]*, como também nº 36: *Nur finden wir aber, das Aristoteles in seinem Buch von der Gottherschaft, der "Theologia" betitelt ist, geistige Formen annimt und erklärt das dieselben in der göttlichen Welt existieren*". **VALLAT, Philippe**, - em *Farabi et l'École d'Alexandrie. Des Premisses de la Connaissance à la Philosophie Politique*. Paris: Vrin, 2004 – procede um comentário sobre a presença da *TdA* em Alfarabi, especialmente na seção 6, *Ce qui Farabi lisait dans la Theologie du Pseudo-Aristote* e na *Conclusion et Hypothèses: Farabi, Platon et le Néoplatonisme de la Theologie*. Trata, sobretudo, da presença do pensamento da *TdA* na "Concordância entre Platão e Aristóteles", nos nºs 56 e 75.

⁴ A versão latina conta XIV livros, uma vez que chama "livros" algumas divisões e partes especiais do texto original.

⁵ Hesitei aqui na escolha da palavra: será que seria melhor usar *explicação*? Optei pelo termo usado.

O texto, então, deve ser considerado uma paráfrase, mas, além disto, se constata a existência de trechos que destoam de Plotino e de suas Enéadas, as assim chamadas “acréscimos” que expõem pontos de vista que denotam um pensamento pessoal daquele que é chamado por Adamson de “o Adaptador”⁶ e que é considerado o autor desta paráfrase, pensamento, aliás que muitas vezes avança num sentido de que é estranha ao texto parafraseado, as Enéadas, como, por exemplo, afirmando um monoteísmo explícito.

A autoria do texto é bastante complicada, não obstante a famosa primeira frase do Tratado Primeiro da TdA⁷ :

Do livro de Aristóteles, o filósofo, chamado em grego Teologia, que é a doutrina sobre a Divindade. Paráfrase de Porfírio de Tiro, que foi traduzida para o árabe por Abd al-Maib ben’Abd Allah bem Nai’ma de Emesa e corrigida por Abu Usuf Ya’qub ben Ishaq aL-Kindi; Deus tenha misericórdia dele, para Ahmad ben-al-Um ‘tassim biL-lah. ⁸

De modo geral a TdA é atribuída a um “Adaptador”⁹, isto quer dizer um autor que, com suporte na original coletânea, elaborou o seu texto e introduziu nela algumas mudanças muito radicais e significativas que dizem respeito a Deus; talvez a mais destacada característica desta paráfrase seja a de que o Uno de Plotino é transformado num Deus Criador. Em razão disto, foi necessária uma reelaboração ou um repensar do Primeiro Princípio, aplicando a Deus as regras de predicação por causalidade e eminência usadas no caso do Uno;¹⁰ e mais profundo como mudança, a identificação de Deus com o Ser e sua apresentação como Criador.

É importante acentuar que a paráfrase não é influenciada somente pela tradição grega, seja ela platônica, seja ela aristotélica. Deus como Ser parece ser fruto de um debate entre teólogos contemporâneos como o círculo de Al-Kindi, desenvolvido no contexto da *Kalam*.

⁶ Cfr. **Adamson, Peter**, *The Arabic Plotinus. A Philosophical Study of the Theology of Aristotle*. London: uckworth, 2002, p. 18.

⁷ Falo do “primeiro “Tratado Primeiro”, porque a TdA apresenta dois Tratados Primeiros.

⁸ Todas as traduções deste estudo da TdA são da minha autoria e elaboradas com base na versão espanhola de **Luciano Rubio**: *Teología*. Traducción del árabe, Intruducción e notas. Madrid, Ediciones Paulinas, 1978.

⁹ Cf, nota 6.

¹⁰ Cf. **PETER ADAMSON**, op. cit., p. 112ss.

1 O pensamento plotiniano a respeito da procedência das coisas

Para poder avaliar o peso desta mudança, precisa-se, inicialmente, procurar o pensamento de Plotino a respeito destes assuntos. A chave do entendimento está nas concepções de Plotino a respeito da possibilidade de se atribuir a Deus determinados predicados, como também na incondicional negação de Deus como Criador.

a Predicação em Plotino.

De forma absoluta Plotino afirma a indescritibilidade do Uno.¹¹ Assim sendo, podem ser divisadas em Plotino três formas de *Teologia-Filosofia Negativa*. A primeira é a teologia negativa da transcendência positiva. O Uno com o Causa Primeira que está acima do Ser é expresso em termos de teologia negativa: somente por causa de sua realidade não poderia ser expresso em termos da realidade que conhecemos: frases a esclarecer a realidade transcendente é mais do que aquilo dela negado, são preferíveis:

Quando se trata, por tanto, de la Natureza más eximia, que no necessita de ningún auxilio, hay que desecher del todo las demas cosas. . Porque qualquier cosa que le añadas, ya has aminorado com la añadidura a quien no necesitaba de nada.¹²

Em segundo lugar, vem a teologia negativa matemática, que considera o Primeiro Princípio como unidade estando na origem do número que carrega consigo pouca profundidade de sentimento religioso. O Uno assim concebido é considerado um princípio de medida, embora fique claro que ele mesmo não pode ser medido, porque transcende aquilo que mede. O Uno desta maneira é entendido como fonte de multiplicação. Finalmente, há a teologia negativa do sujeito infinito: o Uno é considerado como o momento em que toda limitação é negada, a fronteira entre Sujeito e Objeto colapsa e todas as coisas são fundidas na Unidade.

b A negação de Deus como Criador.

Negar Deus como Criador deve ser entendido, e aprofundado, na luz da posição plotiniana a respeito dos predicados divinos. Afirmar o Uno como o princípio de tudo é uma conclusão que se pode tirar, entre

¹¹ Cf. **TER REEGEN, Jan G.J.** Deus não poder ser conhecido. A incognoscibilidade divina no Livro dos XXIV filósofos (XVI e XVII) e suas raízes na tradição filosófica ocidental. Em *Mirabilia*, 2, 2003, p. 126-127.

¹² Em. VI, Trat. VI, 7. Tradução de **Jesus Igal**. Madrid:Editorial Gredos, 1998.

outros, do fato que a alma pressupõe uma Inteligência Divina enquanto fonte de sabedoria que a guia. Essa Inteligência Divina, causa última para os aristotélicos, pressupõe em Plotino um princípio anterior que a constitui.

A constituição das coisas pelo Uno é descrita por Plotino como um processo de “derivação”.¹³ Quer se use “processão”, ou “derivação” ou “emanação”, de qualquer forma o Uno é a *dynamis* – o poder ou a potência – de tudo e sem ela o Uno ficaria num solipsismo total:

Ficando Ele mesmo, em si mesmo (V,4,2,1.20), ele não é um princípio inerte, “parado em si mesmo” (V,4,1,1.34-36). Sendo o Uno de forma absoluta, sendo o Uno mesmo de acordo com a expressão retomada por Proclo (9V,3,12,1.52), O Uno essencialmente um (V,4,1,1.8), o Uno verdadeiramente um (V, 5,4,1.2), o Uno pura e essencialmente um (I.60), o Uno total perfeitamente um (V,3,15,1.5), ele é transbordamento, ebulição substancial na eternidade imóvel de sua unidade, poder como consequência de todas as coisas (V,1,7,1.9;1,1.24-25; 4,2,1.40), não poder material como uma matéria é sujeito de uma forma (V,3,15,1.33-35), mas poder formal, como o ponto ou a linha ou o círculo ou a esfera em Nicolau de Cusa são poder de todas as figuras geométricas. Ele, conseqüentemente, somente pode proceder ele mesmo.¹⁴

Em Plotino é evitado o uso da palavra Criador, e mesmo quando usada tem ligação com a Inteligência a primeira processão que cria. Esse transbordar, ou esta processão, é atemporal, não cria o tempo que só ocorre quando a alma se encontrar com a matéria, o poder-ser, o não

¹³ Cf. **O'Meara**, Plotin. *Une introduction aux Ennéades*. Fribourg/Paris: Cerf Editions Universitaires, 1992. Outros autores usam a expressão “emanação”, que possui até certa fundamentação em Plotino usando imagens de água e luz para descrever a constituição das coisas desde o Uno. “Emanação”, porém, tem certas implicações de cunho material, por isso a preferência de autores modernos pelo conceito “derivação” ou “processo”.

¹⁴ **Muralt, André de**. *Néoplatonisme et Aristotélisme dans la Métaphysique Médiévale*. Paris: Librairie Philosophique J.Vrin, 1995, p.59: “*Demeurant lui même en lui-même*”. *Il n'est pas inerte, "arrêté en lui-même". Étant l'Un absolument, étant l'Un même selon l'expression reprise par Proclus, l'Un essentiellement un, l'Un véritablement un, l'Un purement et essentiellement un, l'Un totalement ou parfaitement un, il est débordement, ébullition substantielle dans l'éternité immuable de son unite, uissance par consequent de toutes choses, non puissance matérielle comme une matière est sujet d'une forme, mais puissance formelle, comme le point ou la ligne ou le cercle ou la sphere chez Nicolas de Cuse sans puissance de toutes les figures géométriques. Et lui par consequent ne peut proceder que lui-même.*

formado. Não estamos diante de um ato explícito de querer, embora ele seja livre como pura necessidade da própria natureza do Uno.

c A atitude do Islã diante da teoria de processão.

É claro que o Islã, com suas ideias, expressas entre outras na *Surra* X 4¹⁵ ou XXIII, 12-14¹⁶, ou XXXVII, 64¹⁷a respeito da criação, usando a mesma linguagem que a Sagrada Escritura dos cristãos e judeus, não pode aceitar a ideia neoplatônica da processão no que tange à criação do mundo como algo necessário, e não como uma decisão explícita de Deus. Isto não conduz à constatação de que a *TdA* defende simplesmente a existência de atributos em Deus, pois isto seria negar sua absoluta simplicidade, ponto defendido incondicionalmente pelo *Adaptador*. Além disso, ele raciocina: como causa de tudo que tem atributos, Deus mesmo não pode haver atributo, porque nada existe acima dEle que Ele poderia desejar de limitar, como também nada abaixo dele que seria capaz de limitá-lo: Deus é sem limite de qualquer modo.

Fica evidente que estão em jogo, então, dois tipos de causalidade: aquela exercida pela Inteligência, que impõe a própria forma a efeitos mais baixos, e aquela do Primeiro Princípio, que não tem forma nem modelo, mas dá origem a uma forma:

Quando a alma vê o eu esplendor e beleza, sabe de onde vem esta beleza, sem precisar de raciocínio para sabê-lo, porque o sabe por intermédio da inteligência. A luz primeira não é uma luz que se dá em alguma coisa, mas ela é somente luz, subsistente na sua essência. Por isso, essa luz ilumina a Alma por intermédio da Inteligência sem necessidade de atributos, como os atributos de fogo e outros, próprios às coisas agentes, pois as ações de todas as coisas agentes se dão somente por meio de atributos que nelas existem, não em virtude de sua essência. Por outro lado, o Agente Primeiro realiza a coisa sem nenhum atributo, porque nele, indubitavelmente, não existe nenhum atributo, mas ele age por meio de sua essência. Por isso, é agente primeiro e agente de

¹⁵ [...] é uma promessa de Allah em verdade. Lo! Ele produz a criação, em seguida recriou-a, que Ele recompense aqueles que crêem e fazem boas obras [...].

¹⁶ Em verdade, Nós criamos o homem a partir de um produto de terra molhada. Em seguida o colocamos como uma gota (de semente) numa morada segura.

¹⁷ Não é Ele o melhor que produziu a criação, em seguida a reproduziu para vocês do céu e da terra? Existe algum Deus ao lado de Allah?

beleza primeira que existe na Inteligência e na Alma. O Agente primeiro é agente da Inteligência que é a Inteligência perpétua, não da nossa inteligência, porque aquela não é inteligência participada, nem inteligência adquirida.¹⁸

Se falar de Criador, porém, aplica-se um atributo ao Primeiro Princípio que, então, também será o Ser. Como isto pode ser explicado? O “*Adaptador*” explica isto num trecho do X Livro da *TdA* :

Em relação à imponente sabedoria primeira e sua potência, quem é aquele que poderá vê-la e conhecê-la até às profundezas de seu conhecimento? Isto em razão de ela ser uma sabedoria em que está a totalidade das coisas e a potência que criou todas as coisas. Todas as coisas estão nela, ela é diferente de todas as coisas, porque é a causa das coisas inteligíveis e sensíveis, ressaltando que criou as coisas inteligíveis sem intermediário, enquanto criou as coisas sensíveis por meio das coisas inteligíveis.

Isto me conduz a ver que o “*Adaptador*” usa a predicação para o Primeiro Princípio – além da aplicação da causalidade universal, única e absoluta – também pelo caminho da eminência. Isto revela que ele não quer comprometer a divina transcendência com um sistema de predicação positiva:

A coisa dotada de vida excelente não se cansa nem nela penetra a dor, porque nunca deixa de ser completa, desde que foi criada sem defeito, e por isso não precisa de esforço nem de cansaço. Aquela sabedoria só foi criada a partir da sabedoria primeira e a substância primeira a partir da sabedoria. A substância não foi a primeira e depois a sabedoria, mas a substância é a sabedoria e o ser primeiro, e a substância e a sabedoria são uma mesma coisa. Por isso, aquela sabedoria é mais ampla que toda sabedoria, e é a sabedoria das sabedorias [...].¹⁹

Este caminho é expresso pela adição de adjetivos como “puro”, “acima”, primeiro”, “verdadeiro”, entre outros.

¹⁸ *TdA*, IV, 62.

¹⁹ *TdA* 10, 156.

d A ideia da Criação na TdA.

Como já se afirmou, há na *TdA* - como também em outros textos que sobraram da antiga antologia *Teologia de Aristóteles*, a saber a *Carta sobre a Divina Ciência* e as *Ditas do Sábio Grego* – uma constante referência ao Primeiro Princípio como um Deus Criador, o Feitor ou o Originador. Esta identificação de Deus com o Criador e o Uno de Plotino, celebrada na *Kalam* do Islã e na exegese judaica e cristã, fez surgir uma expectativa: O “Adaptador” mudaria a maneira de Plotino tratar da origem do cosmos?

A primeira impressão é a de que o “Adaptador” simplesmente transfere o conteúdo do Nous, da Inteligência. O uso da palavra “completo” poderia indicar isto, visto que ele aplica a palavra tanto à Inteligência (Nous) quanto ao Primeiro Princípio, como se entre os dois não houvesse tanta diferença. De outros *loci*, porém, é mais do que claro que o Primeiro Princípio é a origem da Inteligência, que ela foi por ele criada. A leitura da *TdA*, Livro X, 135 indica de maneira inconfundível a posição do ‘Adaptador’:

A prova de que o Uno puro é uma perfeição²⁰ que está sobre a perfeição, reside no fato de Ele não sentir necessidade de coisa alguma nem busca proveito algum e por causa da intensidade e excesso de sua perfeição só produz a partir d’Ele outra coisa porque não é possível uma coisa que está sobre a perfeição seja produtor sem que a coisa produzida seja perfeita, pois no caso contrário, não estaria sobre a perfeição. Isto porque se a coisa perfeita produzir alguma coisa, com maior razão a coisa que está acima da perfeição é produtora da perfeição, porque produz a coisa tão perfeita que não é possível que coisa alguma produzida seja mais capaz nem mais bonita, nem mais elevada do que ela.

Para que a coisa seja perfeita – ou completa – é necessário não somente que ela possua todas as coisas, mas que ela o possua simultaneamente. Sendo assim, à ideia da perfeição estão associadas algumas outras.

- Tudo o que é perfeito deve ser eterno e atemporal;

²⁰ Adamson, Peter, o.c. p. 121 usa em vez de “perfeição” a palavra “completo”, o que, afinal não muda substancialmente o sentido.

- Os atos da perfeição não se sucedem um após o outro, tampouco têm começo ou fim, mas tudo ocorre “de uma só vez”;

- O perfeito – ou completo – não pensa discursivo, deduzindo uma verdade de outra, porque este *modus procedendi* implica “transferência” de uma coisa à seguinte, o que significa mudança c.q. movimento;

- O perfeito – ou completo – deve ser um e não muitos, haja vista a “deficiência” incluída na realidade de muitos.²¹

Para o “*Adaptador*”, então, o Primeiro não é simplesmente perfeito ou completo, mas perfeito acima da perfeição, completo acima da completude. A doutrina do *hyperpleres* aplicada ao Primeiro Princípio implica a transferência de todas as características da Inteligência/Nous plotiniana para o Deus do “*Adaptador*”. É nesta perspectiva que começa a clarear a afirmação de que Deus é Criador.

Fica, entretanto, uma interrogação importante: como esta criação se concretiza? Ela se realiza de forma mediada ou não mediada? A dificuldade é sentida na evolução da filosofia árabe, entre outros por Ibn Sina, quando afirma que “o Um como tal somente produz o um”²², em contraste com Plotino ao assegurar que o Uno pode produzir – e de fato produz – algo múltiplo, caso quo o “uno múltiplo” que é a Inteligência o fato é que existe uma tensão entre a Criação, como defendida no Al Quran, das coisas individuais encontradas no mundo sensível e o esquema emanentista neoplatônico.

Pode-se expressar com arrimo em uma leitura criteriosa e atenta da *tda*, é que o ato criativo de Deus se realiza sem intermediário, porque ele cria somente a Inteligência em que todas as coisas estão contidas: “Ele faz todas as coisas sem intermediário, tudo de uma só vez, e tudo junto”.²³ Juntando estas palavras com outro trecho da *TdA* (VII, 84), depara-se uma bela descrição da majestade do Criador:

A prova de que isto é desta maneira encontra-se na criatura. Quando é formosa, resplandecente, múltipla e colorida, perfeita e visível, o contemplador, se for inteligente, não somente admira a sua beleza exterior, mas também vê o seu interior, e, como consequência, admira o seu criador e autor e não duvida que este seja o máximo de beleza e esplendor e que a sua

²¹ Cfr. **Adamson, Peter**, o.c., p. 120.

²² Citado em **Adamson, Peter**, o.o., p. 137, nota 50.

²³ *TdA* VIII, 98.

potência não tenha limite, porque fez algo semelhante a estas ações repletas de formosura, e de beleza e de perfeição completa. Assim, então, se o Criador, poderoso e excelso, não tivesse criado as coisas, mas se tivesse existido somente Ele e nada mais, as coisas teriam ficado ocultas e a sua formosura e esplendor não teriam se manifestado nem aparecido. Se este Ente único tivesse permanecido na sua essência e retido sua potência, sua ação e sua luz, não existiria nenhum dos entes nem persistentes nem mutantes e perecíveis, nem existiriam as coisas múltiplas criadas a partir do Uno, da forma que existem agora, nem teria havido causas que produzissem os seus causados, nem elas teriam introduzido no caminho da geração e dos entes.

A citação deixa bem clara a absoluta força criadora de Deus, o único responsável por tudo o que existe e pela beleza que está nas coisas; sem esta ação criadora, nada teria existido e nada, então, teria sido revelado. O Princípio Primeiro, então, cria tudo, o intermediário é sustentado pelo “*Adaptador*” no sentido de que todas as coisas estão no seu poder criativo, mas este poder é revelado numa emanção/processão que divide em ato o que existe em Deus em potência ou como poder. Afirmar isto é a mesma coisa que dizer: Deus não cria por intermediários, porque o “intermediário” é a sua potência ou poder:

Digo que na Inteligência está a totalidade das inteligências e do animal. A razão é que elas estão distribuídas nela e a distribuição na Inteligência não é porque as coisas nela sejam subsistentes, nem tampouco que as coisas nela sejam compostas, mas só porque ela é agente das coisas, exceto que as faz uma pós da outra, em ordem e posição. O Agente Primeiro, entretanto, faz todas as coisas que realiza simultaneamente sem intermediário e de uma só vez.²⁴

O Princípio Primeiro, então, é a causa da Inteligência, do Ser, de forma imediata, estando nele tudo, enquanto na Inteligência tudo está como criado por Ele; por isso, as coisas provêm da Inteligência não de

²⁴ TdA, VIII, 98.

maneira direta, mas de forma indireta: em outras palavras, a Primeira Causa, o Primeiro Princípio, cria tudo sem intermediário.²⁵

E o que dizer de um problema famoso²⁶ da relação entre a Criação e o tempo? O melhor texto a respeito é, sem dúvida, a famosa “doxologia platônica”²⁷, no fim do Tratado I da *TdA*:

De que forma bonita e correta o filósofo descreve o Criador, afirmando que é ele que faz a Inteligência, a Alma, a Natureza e todas as demais coisas! Porém, não convém que o ouvinte das palavras do filósofo encare a sua expressão e que, baseado nelas, se imagine que o filósofo disse que o Criador excelso só criou as criaturas no tempo, pois mesmo sendo isto imaginável em razão de sua expressão e sua linguagem, nisto expressou somente, sem dúvida, a sua vontade de seguir o uso dos antigos. Os antigos foram obrigados a mencionar o tempo referindo-se ao começo da criação somente porque eles queriam descrever a geração das coisas, e por isso, foram forçados a introduzir o tempo na sua descrição da geração e da criação que, sem dúvida, não se realizou no tempo. [...] Entretanto, não é desta forma que as coisas sucedem, quer dizer, nem todo agente realiza a sua ação num determinado tempo, nem toda causa é antes do seu causado no tempo. Se quiser saber se este feito temporal ou não, olha para seu agente.

²⁵ A mesma questão é abordada no *Livro das Causas*, outro documento que tem origem na original antologia *Teologia de Aristóteles*, Proposição II, VI, VII, VIII, IX. **D’Ancona, Cristina** dedica ao assunto um estudo penetrante no seu *Recherches sur le Liber de Causis*, Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, .62-95. A grande questão é como conciliar a afirmação do *Liber* que Deus é o Criador de tudo e a presença da Inteligência como mediador universal, em outra palavras: “[...] *équivaute en effet d’établir dans quelle mesure la doctrine de la procession propre a cette ourage peut être accueillie*. [...] *cela oblige à examiner la cohérence de cette doctrine avec l’idée de création, elle aussi soutenue par le De Causis*” **São Tomás de Aquino** no seu comentário – *Super Librum de Causis Expositio*.- diz o seguinte: “*Hence the soul is from God as the first cause, but from na intelligence as the second cause*” (*Versão inglesa da “Expositio” Commentary of the Book of Causes, translated and annotes by Vincent a Gualardo, O.P. e outros*. Washington DC: The Catholic University of América Press, p.23.

²⁶ Cf., por exemplo, **Santo Agostinho**, Confissões, Livro que fala num contexto parecido com aquele que se encontra na *TdA*: o neoplatonismo e a fé que Deus é o Criador de tudo.

²⁷ A expressão é de **D’Ancona, Cristina Costa**. Per uno profilo del autore della *Teologia del Aristóteles*, Padova: *Medievo XVI* (1991), p. 83-134.

Desta citação fica, portanto, bem claro que nem todas as causas operam no tempo, como, também, que causa e efeito são de naturezas semelhantes, e, finalmente, que a temporalidade é um fator que diferencia o mais alto do mais baixo. É neste sentido que a *TdA* pode afirmar:

Unicamente foram criados (os entes verdadeiros) por esta criação e feitos de tal maneira que não há entre eles e o Criador intermediário algum, isto é incontestável. Como poderia a sua criação ocorrer no tempo, sendo eles causa do tempo das gerações temporais, de sua ordenação e de sua nobreza! A causa do tempo não pertence ao tempo, mas é de outro modo superior e mais elevado, como é a sombra em relação à coisa que a reproduz. (VIII, 114)

Este pensamento é completado por *TdA* IX, 130:

A Causa Primeira está firme repousando na sua essência, porém, não num evo, num tempo, nem num lugar, mas a substância do evo, tempo e lugar e o restante das coisas existem somente em virtude dele. [...] Assim ocorre também conosco, nossa subsistência e consistência existem em virtude do Agente Primeiro, dele dependemos, nele está o nosso desejo e diante dele nos inclinamos e para ele regressamos.

Sendo assim, Deus está acima tanto da eternidade como do tempo!

Outra questão a respeito de Deus e a Criação foi ainda desenvolvida na *Kalam*, a teologia islâmica: a relação entre a Criação e a necessidade. Toda a reflexão arvora-se, entre outras, na questão sobre a liberdade e necessidade no pensamento neoplatônico, questão essa que se pode desenvolver em duas direções. A primeira traz a pergunta sobre quem é livre e sua resposta: livre é aquele que age pela própria vontade. A segunda assegura que não é livre aquele cuja relação com o causado é necessária. Vem logo, no entanto, a interrogação: qual é a relação entre necessidade e liberdade em se tratar do Primeiro Princípio, absolutamente simples e Uno, sem sucessão, mas sendo e tendo tudo “de uma só vez”?

Nesta questão o “Adaptador” não se afasta muito do texto que está parafraseando e comentando, as *Enéadas* de Plotino, mantendo a posição

de que a Criação é necessária, mas que esta necessidade não afeta a liberdade²⁸:

Supondo que não tenham existido as coisas perpétuas nem tampouco as perecíveis, que são regidas pela lei da geração e da corrupção, o Uno primeiro não seria a causa verdadeira. Mas, como teria sido possível que não existissem as coisas, dado que sua causa é a causa verdadeira, a luz verdadeira e o bem verdadeiro! Sendo esta a essência do Uno primeiro, quer dizer, causa verdadeira, seu causado é um causado verdadeiro. Sendo luz verdadeira, aquele que recebe esta luz é um receptor verdadeiro. Sendo bem verdadeiro e, dado que este bem transborda, aquele sobre quem transborda é também verdadeiro. Sendo assim e não sendo necessário que o Criador exista somente ele, nem que deixe de criar alguma coisa nobre, receptora de sua luz, quer dizer, a Inteligência, da mesma forma é tampouco necessário que exista a Inteligência somente ela e que não forme qualquer coisa receptora da sua ação, da sua potência nobre e de sua luz resplandecente, e, por isso, a Inteligência forma a Alma.²⁹

O mesmo pensamento é expresso num texto, pertencendo à mesma grande tradição do pensamento neoplatônico árabe, As Palavras do Sábio Grego:

O Primeiro Agente - Ele é grande e poderoso - criou todas as coisas com extrema sabedoria. Ninguém pode compreender as razões do seu vir à existência, e porque elas estão na condição em que neste momento se encontram. Ele não pode conhecê-las de forma completa, ou saber por que a terra está no meio, e por que ela é redonda e não irregular e quadrada. Ele pode somente dizer que é assim, a terra tem que ser redonda e colocada no meio, e que o Criador - Ele é grande e poderoso - afez no meio. Ela, por isso, deve ser redonda e colocada no meio, o único lugar em que pode estar. [...] A mais remota Causa, que é a razão que as coisas se tornaram o que são agora, não pode ser conhecida e alcançada por ninguém, porque elas se

²⁸ Cf. **TER REEGEN**, A Liberdade na Teologia do Pseudo-Aristóteles, *Cadernos UFS – Filosofia*, vol. VIII, Fasc. 6 (2006) – São Cristóvão: Editora UFS, 2006, p.31-61.

²⁹ *TdA*, VII, 85.

originaram de acordo com a definitiva sabedoria, que inclui qualquer sabedoria.³⁰

No mesmo sentido vai a Carta de Divina Sabedoria, que ao assinalar que o ato do Primeiro Agente não é precedido por vontade, porque ela somente age por ser só.

Conclusão

Percorri um caminho nem sempre fácil, guiado pelo estudo de Peter Adamson e pelas reflexões precisas e profundas de Cristina D'Ancona Costa. Muitas coisas ficaram em aberto, outras nem se revelam com a clareza desejada e intencionada. O conhecimento da *TdA* é um objetivo não tão fácil a se alcançar, e exige uma constante leitura e tentativa de interpretação.³¹ Descobrimos que, para o autor da *toda*, o Uno, Deus, além do Ser, é o Criador de todas as coisas, sem exceção, das coisas inteligíveis e sensíveis. O caminho percorrido neste “processo” de criação talvez não seja o mais claro possível, mas ele está ancorado na fé inabalável do “Adaptador” de que a Divina Sabedoria – Causa Primeira – Primeiro Princípio criou tudo e que tudo o que existe participa de sua imensa beleza e bondade.

Bibliografia

- Fontes

PL0TINI OPERA. Tomus II. *Enneades IV-V*. Ediderunt Paul HENRY et Hans-Rudolf SCHWYZER. Plotiniana Arabaica. Ad codicum fidem anglice vertit Geoffrey LEWIS. Paris/Bruxellas: Desclée de Brouwer et Cie/l'Édition Universelle, S.A., 1959.

PLOTINO. *Enneadi*. Traduzione com texto grego a fronte, introduzione, note e bibliografia di Giuseppe Faggin. Prsentazione e iconografia plotiniana di Giovanni Reale. Revisione finali dei testi, appendici e indici di Roberto Reale. Milano: Rusconi, 1996 (4ª edizione).

Teologia do Pseudo Aristóteles.

³⁰ **Plotini Opera**, Tomus II, ENÉADAS IV-V. Ediderunt Paul HENRY e Hans Rudolf SCHWYZER. PLOTINIANA ARÁBICA, ad codicum fidem anglice vertit Geoffrey LEWIS. Paris/Bruxellas: Desclée de Brouwer et Cie/l'Édition Universelle S.A., 1959, p. 484.

³¹ Aqui tenciono deixar claro o meu reconhecimento ao *Grupo de Estudo de Filosofia Medieval da UECE*, que nos anos passados dedicou quase dois anos à reflexão e estudo deste riquíssimo documento.

PLOTINO, *Eneadas*. Tradução de Jesus Igal. Madrid: Editorial Gredos, 1998.

PSEUDO-ARISTOTELES. *Teologia*. Traducción del Árabe, Introducción y notas: Luciano Rubio, O.S.A., Madrid: Ediciones Paulinas, 1978.

_____. *Liber de Causis. O Livro das Causas*. Uma tradução e introdução de Jan Gerard Joseph ter Reegen. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

- **Outros estudos**

ADAMSON. *The Arabic Plotinus. A philosophical Study of the Theology of Aristotle*. London: Duckworth, 2002.

COSTA, CRISTINA D'ANCONA. La Doctrine de la Création "Mediante Intelligentia" dans le Liber de Causis et dans ses sources. En: *Recherches sur le Liber de Causis*. Paris: Librairie Philosophique J.Vrin, 1995, 73-95.

_____. Per um profilo filosófico dell'autore della "Teologia di Aristotele". Padova: *Medievo*, 17, 1992, 83-134.

LOPEZ-FARJEAT, LUIS XAVIER. La inmortalidad del alma en la Theologia Pseudoaristotélica y su pale em la filosofia de Al-Farabi. Em: *Estudios de Asia y África XL: 3, 2005, p. 577-606*.

MURALT, ANDRÉ DE. *Néoplatonisme et Aristotélisme dans la Métaphysique Médiévale*. Analogie, Causalité, participation. Paris: Librairie Philosophique J.Vrin, 1995.

O'MEARA, DOMINIC. *Plotin. Une introduction aux Ennéades*. Fribourg Suisse/Paris: Éditions Universitaires/Éditions du Cerf, 1992

TOMÁS E AQUINO, *Commentary on the Book of Causes*. Translated by Vincent A. Guagliardo (and others) Washington .C., The Catholic University of America Press, 1996.

TER REEGEN, JAN G.J. Deus não pode ser conhecido. A Incognoscibilidade divina no Livro dos XXIV Filósofos (XVI e XVII) e suas raízes na tradição filosófica ocidental. Em: *Mirabilia 2 Alexander Fidora e Jordi Pardo Pastor (coord.) Expressa lo divino: lenquaje, arte y mística.*, 2003, p. 121-137. Espírito Santo.

_____. A liberdade na Teologia do Pseudo-Aristoteles. Em: *Cadernos UFS – Filosofia Universidade Federal de Sergipe*, vol. VIII Fasc. 6 (2006) p. 31-47.

THE CAMBRIDGE COMPANION TO PLOTINUS (edited by Lloyd P. Gerson) Cambridge: University Press, 1996.

ZIMMERMANN, F.W. The origins of the so-called Theology of Aristotle. Em: *Pseudo-Aristotle in the Middle Ages. The "Theology" and other texts*. Ed. by J KRAYE and others, London: The Wartburg Institute, 1986, p. 110-240.

** Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen*

Professor Emérito da UECE. Professor do CMAF da UECE.

Professor da Faculdade Católica de Fortaleza.

Doutor em Filosofia Medieval pela PUCRS e

DL em Filosofia Antiga pela UECE.

Fortaleza, outubro-novembro de 2009.

Endereço eletrônico: jan.gjtr@gmail.com